

CIDADE E CULTURA: UMA QUESTÃO FORMATIVA

Mary Weinstein¹

Resumo

Este trabalho revê o projeto de extensão “Jornalismo, Cidade e Patrimônio Cultural” que teve como objetivo incluir a comunidade na discussão que vinha sendo desenvolvida no âmbito do projeto de pesquisa de mesmo nome, sobre a preservação do patrimônio cultural edificado existente no centro de Vitória da Conquista. Especificamente, o projeto de extensão que suscita o presente relato se ateve aos acervos de edificações da virada do século 19 para o 20, de casas com inspiração modernista e outros estilos de meados do século passado, e demoradas típicas da região, relacionando ao todo 21 imóveis. Desenvolvido entre 2016 e 2017, com apoio da Pró-Reitoria de Extensão, contou com a parceria do Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia -Ipac-BA. O propósito era coletar testemunhos de moradores e com eles produzir material para compor um audiovisual pontuando a origem das edificações e suas histórias a partir da memória dos que as vivenciaram. Essas narrativas também serviriam para evidenciar as transformações que vêm se processando na cidade. Primeiramente, foi feita uma listagem de prédios relevantes, do ponto de vista cultural e em função do valor que têm para a arquitetura local. Esta produção foi motivadora de um seminário de apresentação dos trabalhos desenvolvidos propiciando um debate com a participação dos produtores dos trabalhos, pesquisadores, moradores dos imóveis, representantes de instituições, gestores municipais e demais interessados. O Grupo de Pesquisa “Jornalismo, Cidade e Patrimônio Cultural” tem se aprofundado no entendimento do jornalismo que tem a cidade como seu principal objeto.

Palavras-chave: Centro. Cidade. Inventário. Memória. Patrimônio Cultural.

O Grupo de Pesquisa “Jornalismo, Cidade e Patrimônio Cultural”, em atividade há mais de quatro anos, tem como proposta se aprofundar no entendimento sobre o jornalismo que tem a cidade -destacando-se a relação com o seu patrimônio cultural -como principal objeto. Nesta via de mão dupla, o jornalismo se nutre de temáticas relativas aos centros urbanos, que são de interesse público, e a cidade consegue ter as suas questões agenda das na esfera pública. Em 2016, com o intuito de dividir com a comunidade as suas reflexões sobre patrimônio cultural e memória, o grupo de pesquisa de mesmo nome propôs um novo projeto, desta vez de extensão, com o propósito de, além de continuar investigando e produzindo conhecimento nas mesmas áreas, iniciar uma prática que problematizasse a preservação do dinâmico centro de Vitória da Conquista plasmando por meio digital seus imóveis mais antigos.

¹Mary Weinstein é pós-doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal Fluminense e pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, é professora adjunta do Curso de Jornalismo e da Pós-Graduação em Ensino da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, professora da Pós-Graduação em Museologia da UFBA e coordenadora do Grupo de Pesquisa Jornalismo, Cidade e Patrimônio Cultural. Email: maryweinstein@gmail.com

O Projeto de Extensão “Jornalismo, Cidade e Patrimônio Cultural”, com o suporte da Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (Uesb), e em parceria com o Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural do Estado da Bahia (Ipac-BA), iniciou a identificação e a coleta de dados de edificações, com vistas à produção do audiovisual *Casas e Memórias: Pequeno Inventário de Edificações e Narrativas*, em que 21 imóveis de estilos diversos foram selecionados e mostrados, assim como os testemunhos de moradores sobre suas vivências a eles relacionados, durante o I Seminário Jornalismo, Cidade e Patrimônio Cultural dirigido e aberto à comunidade, em apresentação em 17 de maio de 2017, no Memorial Governador Régis Pacheco, na Praça Tancredo Neves, em Vitória da Conquista. A intenção era dividir as informações e as experiências obtidas e, também, propiciar o debate e a reflexão. Participaram representantes do Conselho Regional de Engenharia e Agronomia - Crea, do Conselho de Arquitetura e Urbanismo - CAU, da Prefeitura de Vitória da Conquista e de professores da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - Uesb, e outros 200 interessados no tema, entre estudantes e moradores de Vitória da Conquista e cidades vizinhas. Uma versão reduzida, de apenas 15 minutos, do audiovisual pode ser encontrado no seguinte link de acesso do canal de Youtube <https://www.youtube.com/watch?v=CwAgWx5v8o&t=558s>. É ao processo de produção e apresentação deste trabalho, que serviu ao propósito formativo do estudante de jornalismo, que nos atemos.

1. O interesse público, a construção formativa e o contexto

As memórias contidas nas narrativas retomam experiências vividas e se realizam com o registro que se amplia como significado e como bagagem cultural para a coletividade. O jornalista reconhece a notícia nas histórias do cotidiano que incluem os arquivos do passado e que continuam a ser enriquecidas. Conforme Le Goff (1990, p.24), o passado não deixa de viver e de se tornar o presente. Para Tuchman (1983, p.15), ao buscar disseminar a informação que o público quer, necessita ou deveria conhecer, as organizações comunicacionais que fazem circular e dão forma ao conhecimento. De acordo com a autora os meios desempenham um papel importante no estabelecimento de uma ordem de assuntos e concorrem para a formação da opinião. Pensando no local, os estudos sobre mídia consideramos conteúdos “como reflexo dos valores e crenças sociais e culturais” McQuail (2003, p. 309). A Agenda-Setting sustenta que a mídia está envolvida na construção da realidade que o indivíduo começa a estruturar (WOLF, 2005, p.152).

Reverendo-se as premissas deontológicas do jornalismo, é crucial percebermos a responsabilidade que o repórter tem na construção da história que é publicada. A sua bagagem cultural lhe dá condições de desenvolver a sua capacidade de identificar e reconhecer a notícia, para que também possa propô-la e possa agendar assuntos, já que é ele o sujeito em contato com o cotidiano da cidade. Estando habilitado, o jornalista poderá sugerir reportagens e contribuirá para o conjunto da obra editorial. Considerando essas características inerentes ao profissional, o nosso trabalho envereda-se pelo caminho formativo, tendo como principal fator motivacional a relação entre a cidade e o jornalista que media informações. Ao mesmo tempo, a proposta é considerar o que o público pode revalorizar e requerer como agendamento. No desenvolvimento deste trabalho, estudantes eram motivados a exercerem o jornalismo com o olhar crítico dirigido à cidade, para a observação de suas transformações e necessidades de preservação, entendendo que é atribuição do jornalismo agendar o que for inegavelmente de interesse público. A problematização se dá na medida em que se busca um maior comprometimento entre o jornalismo e as urbanidades, reconhecendo a importância do patrimônio cultural e a importância de sua conservação, assim como a sua temática na esfera pública (HABERMAS, 1984). O jornalista na iminência de ser um proponente (MCCOMS, 2009), terá que ser capaz de reconhecer os valores-notícias (GALTUNG e RUGE, 1965) que permeiam as questões relativas ao patrimônio edificado.

No centro desta discussão está a relação constante dos meios de comunicação de massa e o conjunto de conhecimentos sobre a realidade social, que dá forma a uma determinada cultura e nela age dinamicamente (WOLF, 2005, p.142). O direito à cidade (LEFEBVRE, 2001) e à memória (HALBWACHS, 2006) nos fazem praticar o jornalismo que reconhece a cidade - seu traçado, suas ruas e casas - como texto e testemunho. “A consciência desta dimensão na arquitetura levou a que hoje se fale muito em preservação da memória coletiva, através da conservação de bens arquitetônicos, isto é, da não demolição de construções antigas” (ROLNIK, 2004, p.18). Não são somente os textos que a cidade produz e contém - documentos, ordens, inventários - que fixam esta memória, a própria arquitetura urbana cumpre esse papel (ROLNIK, 2004, p.16).

1.2. O território e o seu reconhecimento

Nos anos 1990, foi iniciada pela Superintendência Regional do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional –Iphan-uma listagem de edificações de estilo ou influência modernista situadas em Vitória da Conquista, com coordenação do arquiteto Nivaldo

Andrade, atual presidente nacional do Instituto dos Arquitetos do Brasil-IAB. O material coletado foi repassado a esta pesquisadora que vem registrando a subtração de alguns daqueles exemplares, em sua maioria prédios de uso público não residenciais, como o Clube Social Conquista, que foi transferido para a Praça Sá Barreto em 1958, e demolido em 2015. Importante notar que Vitória da Conquista conta com apenas um tombamento em nível estadual, mediante o Decreto nº 9745/05. É o do imóvel chamado Casa de Dona Zaza, o qual se encontra sob a proteção da Lei Estadual nº 8.895 de 16/12/2003, que instituiu normas de proteção e estímulo à preservação do Patrimônio Cultural do Estado da Bahia, a qual foi regulamentada pelo Decreto nº 10.039/ 2006. A cidade possui a lei nº707/93 para tombamento, que há muitos anos não é utilizada.

Vitória da Conquista vem crescendo, aceleradamente, nas últimas décadas, e este ano foi inaugurado o seu segundo shopping center, em uma de suas principais vias, a Avenida Olívia Flores, que dá acesso a vários polos de atração de trânsito como os campi da Uesb e da UFBA. A nossa pesquisa constatou que edificações vêm sendo suprimidas de sua paisagem de forma recorrente. Em 2016, foram registrados 62 lotes vazios ou transformados em estacionamentos ou lava-jatos no centro de Conquista (WEINSTEIN, 2016). Foram observadas que as demolições de edificações acontecem de repente, sem exposição de alvará na fachada do imóvel. Percebeu-se que a cidade se adequa a essas substituições que descaracterizam os ambientes e promovem o esvaziamento ou adensamento de áreas. o que pode provocar degradações. As demolições no centro não têm suscitado questionamentos na agenda local, nem nos meios de comunicação formais, nem em mídias pós-massivas e locativas.

2. O projeto, sua estrutura e trâmite

A preservação de um acervo evidencia-se como parte de um reconhecimento sobre a sua presença e mérito. A produção do audiovisual *Casas e Memórias: um pequeno inventário de edificações e narrativas*, de 45 minutos, buscou registrar a paisagem urbana em sua dinâmica e ritmo próprios, captando imagens das casas em meio ao movimento do dia a dia, projetando-as como documento das histórias de seus moradores e da cidade. O trabalho veio complementar estudos anteriores desenvolvidos pelo projeto de pesquisa sobre o patrimônio cultural e suas relações com a mídia. Foi planejado para mostrar, por meio da imagem, parte de um acervo que deve ser conservado, e despertar atenção sobre o seu potencial noticioso, seja pela representatividade que tem, pela beleza, pelas histórias que testemunham, e

principalmente pela ameaça de serem adulterados ou destruídos. O projeto procurou identificar o potencial de agendamento a ser apreendido a partir da coleta de informações sobre o texto urbano e as narrativas de moradores com inventariação de casas ameaçadas pelas requalificações ou ressignificações tão comuns na cidade contemporânea. Evidenciaram-se as possibilidades de interlocução entre a cidade e os que nela vivem, com suas memórias e expectativas. Ouvimos as histórias para reconstruí-las sob o ponto de vista estrito dos moradores, conforme o entendimento de que dizem respeito à cidade e contribuem para estruturar a realidade de todos.

Para composição do inventário, que é um dos meios de preservação do patrimônio cultural (IPHAN, 2016), identificamos os imóveis mais relevantes, utilizando como critério para as observações o estado de cada um deles - mais conservado, menos alterado, maior quantidade de aspectos originais e representativos das construções originárias de outros momentos. Encontramos imóveis associados aos estilos colonial, eclético, neoclássico, missões e modernista. Delimitamos um acervo de edificações, a maioria de uso originalmente residencial, e focamos mais proximamente em 21 deles. Conseguimos contato direto com moradores e proprietários ou conhecedores de oito dos prédios relacionados. Fizemos as entrevistas semiestruturadas, com relatos sobre a história da edificação e subjetividades diversas, que foram gravadas e editadas para eliminar pequenos desperdícios que naturalmente surgem em gravações como essas. Houve poucos cortes nas falas dos entrevistados. As gravações das fachadas das casas e das entrevistas se constituíram como matéria-prima para constituição da proposta executada.

A ideia era trazer o movimento da rua para a câmera para que o público pudesse absorver o momento, a existência do objeto do jeito que ele é, e depois, a partir da narrativa do morador que, ao mesmo tempo, tornara disponível as lembranças que pertenciam até então somente a ele. Interessante assistir às memórias brotarem, o rosto do entrevistado ganhar a expressão de nostalgia e se iluminar ao compartilhar as suas lembranças e histórias, quando até então não havia indícios de que essas seriam consideradas de interesse de ninguém, muito menos da comunidade. Ao perceber que as suas vivências estão sendo preservadas e que serão compartilhadas, que contribuirão para a memória da cidade em que viveram e vivem, o morador é de novo acolhido pelo passado da casa e se convence de que o tempo poderá estar guardado dentro dele e no arquivo que ajudou a criar. A gravação de imagens e entrevistas foram feitas conforme orientação. Havia um formato e uma estética padrão a serem

cumpridos. Para gravar as fachadas e executar as entrevistas com os moradores, foi utilizada câmera fotográfica e para a edição foi utilizado o software Adobe Première.

Já o estudante identificado com a questão passa a problematizá-la, trazendo novas perguntas e respostas, buscando e encontrando objetos para serem discutidos, analisados, ilustrados. A questão do desequilíbrio entre a necessidade de conservação e o direcionamento das políticas públicas o sensibiliza, logo que é exposto ao assunto. A insatisfação já existia e apenas é racionalizada diante de situações de vulnerabilidade ou de degradação. Aos poucos, o estudante passa a conhecer a legislação de proteção e a entender sobre os níveis de importância que os objetos podem ter. Os mais recentes estudantes engajados, primeiramente com a pesquisa e depois com a elaboração e divulgação do audiovisual se envolveram, muniram-se de conhecimentos e adquiriram senso crítico e vontade de desbravar e agendar o assunto, respondendo de forma satisfatória ao objetivo da proposta, que é o de familiarizar o jornalista em formação com a questão. Como futuros jornalistas, poderão interferir na realidade. O entusiasmo dos estudantes era perceptível. Eles se sentiam duplamente integrados às questões emergenciais abordadas, tanto ao jornalismo, quanto à preservação de um patrimônio ameaçado.

O registro tinha que ser o mais próximo do real, sem enviesar a câmera, focando estritamente o monumento, sem impor modismos ou angulações virtuosas, que mudassem a direção dos objetivos que era o de documentar a casa como ela é. Era preciso não chamar a atenção para pontos alheios à cena para que não houvesse distração ou dispersão que tirasse o foco do objeto e de sua dinâmica. Foi possível notar o crescente interesse e a apropriação do tema. As imagens agitadas, com detalhes roubando a cena no plano geral, que não respondiam à proposta de documentar de forma simples, objetiva e exata, para possibilitar a maior aproximação ao objeto e ao seu contexto, sem floreios, foram substituídas pela câmera parada. A recomendação foi colocar a câmera sobre o tripé em posição perpendicular, a cerca de 10 a 15 metros da fachada anterior do imóvel, registrando o som ambiente e o movimento que houvesse – de carros estacionados ou rolando na pista, de bichos e pessoas passando na calçada, de árvores balançando suas folhas. Cada acontecimento no entorno da casa e no entorno da cena servia para a representação da edificação da forma em que se encontra hoje, e do ritmo que a envolve. Esse movimento em favor da contextualização não tirava a concentração de quem contempla a fachada, com suas tintas, cores, rachaduras, telhados, *pilotis*, colunas, jardins, flores, degraus, *breezes*, destacando inclusive que os imóveis de momentos diversos se encontram em estágios diferenciados de conservação e localização.

Os estudantes engajados ao projeto se dedicaram à produção do evento e também produziram um outro audiovisual sobre a mesma temática, denominado *Patrimônio Cultural*, o qual foi igualmente exibido durante o Seminário. Continha opiniões sobre a existência e a conservação de monumentos. Posteriormente, um trabalho sobre este processo de produção foi apresentado pelos estudantes no *Seminário de Extensão da Uesb: Reafirmando princípios e diretrizes*, em 2017, e no Intercom Nordeste, em Juazeiro, na Bahia, em 6 de julho de 2018.

3. Participação

O projeto, para se realizar plenamente, dependia da participação do público, como é próprio dos inventários (IPHAN, 2016). Primeiro, houve a busca por um registro que descrevesse a realidade do imóvel, a forma como ele compõe a cidade, integrado à paisagem. No Centro de Vitória da Conquista, foram gravadas as fachadas de cada edificação isoladamente e dentro do conjunto. O ritmo normal da cidade aparece em cada uma das cenas, porque a proposta é mostrar a situação do prédio na rua. Assim, mostramos aspectos da própria cidade em cada *frame*. O *take* sem cortes foi feito frontalmente, no mesmo nível do imóvel, mostrando seus aspectos e o que se movimenta ao seu redor. As pessoas e os automóveis que passam em frente, à fachada anterior dos imóveis servem para dar a dimensão e a escala da edificação e a contextualizam permitindo a visualização da relação que ela mantém com o ambiente, mostrando a própria ambiência. A exposição também respeita o tempo que o espectador precisaria para registrar, observar os detalhes da construção, fazendo as associações com o que foi visto em suas experiências, aceitando o valor proposto no audiovisual.

A seleção identifica e classifica o estilo da casa, o período que representa, tomando-a como testemunho. Porque certos tipos de casas são disseminados por várias cidades durante um período, reproduzindo influências de outras matrizes, como o eclético que partiu da França, o colonial proveniente da colônia, o missões saído dos Estados Unidos e o modernista que se desenvolveu mundo afora com forte contribuição brasileira. Portanto, verificam-se aspectos comuns que lhes dão uma unidade. E, dentro dessas casas, as histórias de moradores, seus perfis, seus valores, seus cotidianos, complementam as informações à descrição das casas. A história, como a ciência dos homens no tempo (BLOCH, 2002), admite a transposição de experiências por meio da memória. E as casas deixam de ser meros repositórios dessas memórias.

Interessante perceber, a partir das entrevistas feitas para o audiovisual, que o relato do passado de vários moradores das casas enfocadas tem pontos em comum, confirmando uma memória coletiva e viva. Em várias entrevistas, por exemplo, foi mencionado que a água para beber nas residências era trazida do Poço Escuro e que riachos cortavam a cidade a partir dele. Vários entrevistados falaram de situações que estão na história da cidade, como a personalidade de Olívia Flores, que hoje é nome de uma das principais avenidas de Vitória da Conquista. Também, o entendimento sobre o vigor e o crescimento empreendido pelo ex-prefeito Pedral Sampaio, que enfrentou a Ditadura e que muito fez pela cidade. A pré-existência da Estrada da Boiada, onde fica a Rua João Pessoa, por onde o gado era tanguido para o matadouro e para as fazendas no caminho de Jequié. Assim como outros testemunhos.

As histórias são contadas na primeira pessoa, como testemunhos de momentos, os quais foram gravados nas casas às quais se referem. Todas as entrevistas, assim como as imagens das casas, foram gravadas entre setembro e outubro de 2016, pelo bolsista João Barreto, com a orientação e direção desta pesquisadora.

As entrevistas foram consentidas e coletadas nas próprias casas dos entrevistados em horários agendados. Não havia limite de tempo para a fala do entrevistado que era encorajado a falar sobre as próprias reminiscências que ajudariam a recompor uma memória. Podiam acontecer interlocuções entre o entrevistado e a produção do audiovisual. Cada entrevista durava entre duas e três horas, entre colocação dos equipamentos, escolha do espaço e a própria fala. A maioria das casas ainda serve como residência, há uma ocupada por uma escola de música, há duas fechadas, há muitos anos precisando de restauração. A vontade de colaborar com a produção do audiovisual era clara em todos os entrevistados que aceitaram gravar entrevista. Seguem alguns trechos das falas de cada deles.

Trecho da entrevista de Albânia Flores, neta da antiga proprietária do imóvel situado à Rua Zeferino Correia nº 101:

Essa casa começou a ser construída no ano de 47 pra 48. Quem construiu essa casa aqui foi Olívia Flores, né? Mais o esposo dela que morreu cedo. Então, dizem que foi a primeira casa que tinha laje. Quem construiu não foi um engenheiro, não. Foi um mestre de obras, não foi engenheiro, não. Ela teve vários filhos. Mas quando vim morar aqui com ela não tinha crianças, não. Tinham os vizinhos. A gente brincava muito na rua. Aqui aconteciam muitas reuniões políticas. Porque vizinha gostava muito de política e as reuniões aconteciam ali na sala, que eu me lembro. E eu me lembro que aqui em Conquista a luz era muito ruim. Às vezes tinha luz. Eu lembro que eu era bem pequena. Ai, Dr. Régis (Pacheco, ex-governador da Bahia) mandou aqueles motores nos caminhões. Aí, correu todo mundo pra ver aqueles motores que davam luz.

Trecho da entrevista do historiador Durval Menezes, referente ao imóvel situado na Praça Virgílio Ferraz nº 86:

É uma casa também que tem história. Apesar do seu estilo estar naquele estilo arquitetônico que se chamava moderno, da década de 60. Para década de Foi construída por Ademar Galvão, aquele grande empresário que sonhou ver Conquista como uma grande capital regional e como era um grande empresário bem sucedido, no seu segundo casamento, porque teve um segundo casamento, porque a sua primeira esposa faleceu, e desse segundo casamento que era uma moça da sociedade de Itambé, cidade pequena, mas na época muito vaidosa a população de Itambé, ele então mandou construir essa casa como presente de casamento para sua segunda esposa. É um projeto arrojado para a época. Mas o projeto era um piano de cauda, como vocês ainda podem ver o seu formato. Era toda envidraçada. Então tiraram essa parte da vidraçaria e colocaram sem dúvida nenhuma a modificação. Mas era uma casa que chamava atenção de todas as pessoas que passavam por aqui em Conquista.

Trecho da entrevista de Heleusa Câmara, filha dos que construíram o imóvel situado à Praça Tancredo Neves nº229 (Ver Figura 1):

Ubaldo comprou aquele terreno e construiu com muito esforço uma casa linda que as pessoas costumavam dizer que parecia um bolo de noiva. Porque estava sempre muito bem pintado e limpo. Porque a minha mãe não gostava de nenhum sujo, de nenhum rabisco. Ela mesma tinha uma lata com cal e uma brocha que ela passava nas paredes, que algum garoto atrevido riscasse, algum candidato colocasse alguma propaganda. Minha mãe, Maria Estela Morais Filgueira mineira de Coromandel, ficou muito satisfeita de que meu pai pudesse construir uma casa na praça. O arquiteto que planejou, fez a planta daquela casa, falou “mas como é que vocês morando no interior vão construir uma casa tão bonita em um corredor polônês?”, porque ela era estreita. Mas a vontade de morar na praça falava mais alto.

Trecho da entrevista de Valter Padre, um dos atuais proprietários do imóvel situado à Rua João Pessoa nº 219:

Nasci na casa vizinha, mas fui criado aqui com um ano de idade. Minha tia me pegou pra criar eu pequeno. Então praticamente minha vida foi toda nessa casa. Com a minha vó e duas tias, moças velhas, solteiras, que moravam aqui. Uma falecidaa outra é viva, tá com 96 anos. Meu avô já comprou pronta, antes de 1910. Brincava debaixo pé de jaca, de fazendinha, de fogão de lenha, queimava a lenha, fazia aquelas frepas (sic), a gente fazia a cerquinha, a fazenda. Eu, meus primos. A gente se divertiu muito aqui. A infância foi toda aqui nessa casa.

Trecho da entrevista de Zelita Leite, proprietária do imóvel situado à Rua João Pessoa nº 172:

Era uma casa da época. Não era esse modelo de casa. Aí nos derrubamos e construímos essa, que era um estilo novo, um modelo de casa nova. Essa casa foi construída na década de 1950, pelo engenheiro Dr. Espinheira. Aliás essa casa, quando estava construindo, nós compramos outra casa, na Avenida dos Expedicionários. E fomos morar lá até construir essa. Depois que construiu, ele comprou os móveis, mobiliou a casa e me chamou de manhã, ele me disse: “vamos lá ver a construção”. Quando eu cheguei, a casa já estava pronta. Foi uma surpresa.

Trecho da entrevista de Cesarina Leite, filha da proprietária do imóvel situado à Rua João Pessoa nº 172:

Sou a terceira filha de Zelita. Nasci nesta casa. E aqui é o quintal, o lugar nessa casa que eu mais gosto e lembranças mais agradáveis tem. Passei minha infância toda brincando, comendo das frutas desse quintal, o abacate, a manga, correndo, pulando. Então, é o lugar mais agradável da minha casa é esse aqui. Aqui na rua, tinham vários pés de flamboyants. Era muito bonita a rua. Na frente da nossa casa tinha um vermelho.

Trecho da entrevista de Maria de Lourdes Figueiredo, de 108 anos, que foi vizinha do imóvel situado à Rua da Misericórdia nº 72:

Aqui naquele tempo era tudo mato. Aí um carro bateu e derrubou uma banda da parede do quarto de dormir. (...) A beirada era toda de madeira. Tinha um barzinho, na virada, tem? Casa de jogo? Tinha Augusta, Augusta já morreu. Tinha Tom, que era o filho dela, também já morreu. Tinha Sebastião. Aí as meninas era muito costuradeira. Tinha uma barroca. Não tinha luz. A luz era um lampião, naquele tem não usava luz, né?

Trecho da entrevista de Solange Fonseca, neta do construtor e ex-proprietário do imóvel situado à Rua dos Fonseca nº113:

Todo o laço familiar, quando deixa raízes assim, a gente gosta de falar. Relembrar o passado é viver duas vezes. Né, não? Eu assim penso. A gente passava férias, às vezes ia passar fim de semana com nossos avós. A família era muito unida. Todo mundo vinha praí brincar. Criançada tinha uma infância saudável. Não tinha problema nenhum naquela época. Essa casa foi construída assim. Meu avô morava na Rua dos Fonseca, por isso que a rua chamava Rua dos Fonseca. Depois de muitos anos, minha avó ficou grávida de minha mãe. E a alegria dele foi tão grande que ele comprou esse terreno aqui, construiu. A minha mãe que era filha caçula dele. Que ele fez essa casa justamente pra homenagear a mulher que estava grávida dela. Porque ela estava nascendo temporana, como diziam antigamente. Quando a mulher já pensa que vai amarrar o facão e já é uma gravidez. Foi o caso dele. Ficou

muito alegre. Comprou essa casa. A pintura foi toda portuguesa, por isso está vendo aí a parede toda cheia de margaridinhas. Aqueles azulejos que tinham na entrada, não sei se ainda conserva, porque eu nunca mais entrei. É azulejo português. Veio tudo de Portugal.

Figura 1: Casa situada na Praça Tancredo Neves nº 226



Foto: frame do audiovisual Casas e Memórias

Figura 2: Casa situada à Rua dos Fonseca nº113



Foto: frame do audiovisual Casas e Memórias

Contando com a expertise da arquiteta Lígia Larcher, o Ipac auxiliou produzindo uma descrição técnica da fachada das casas, construindo uma síntese sobre a condição contextual e

a relevância de cada imóvel selecionado pelo projeto (**Ver Quadro I**). Como autarquia encarregada da proteção do patrimônio cultural do Estado, a nível estadual, o Ipac-Ba, vinculado à Secretaria de Cultura do Estado da Bahia, possui a especialidade no campo, dado o seu histórico de preservação de vários acervos. O Ipac tem interesse na preservação do patrimônio local dos municípios baianos, a nível municipal. Em próximas etapas, o Ipac deverá contribuir com os procedimentos que visam a proteção dos imóveis a nível municipal.

Quadro I: Lista e descrição dos 21 imóveis

Item	Logradouro	Caracterização
1	Praça Tancredo Neves nº 229	Sobrado de dois pavimentos, situado em esquina, construído sobre um platô elevado, em que o acesso principal se coliga à via pública com escadaria sinuosa. Embora não tenha um estilo definido, tem elementos compositivos modernizantes, recorrentes a partir da década de 1940. Sofreu alterações.
2	Praça Tancredo Neves nº 206	Casa térrea em estilo Eclético, com pilastras separando as portas e janelas, cornija e platibanda vazada. Acima da porta principal, a platibanda é cega e guarnecida de semicírculo com tratamento decorativo. Mantém as características originais.
3	Praça Virgílio Ferraz nº 186	Casa em estilo Modernista, com dois pavimentos e varanda coberta por marquise. Foi bastante alterada.
4	Praça Virgílio Ferraz nº 110	Casa térrea, estilo chalé normando. Sofreu alterações, mas mantém os principais aspectos originais, como a cobertura em telhas tipo marselha. Tem muro com decorativos que se reproduzem no portão de ferro.
5	Rua Dois de Julho nº 181	Casa térrea em estilo Art Déco, com platibanda escalonada e paredes guarnecidas de pilastras com grafismo geométrico. Mantém as características originais, inclusive as janelas no estilo.
6	Rua João Pessoa nº 53	Casa de dois pavimentos, em estilo Modernista. Com a fachada principal na empena, apresenta varanda com pilotis e esquadrias de madeira com venezianas, soluções que foram comuns a partir da década de 1950.
7	Rua João Pessoa nº 65	Essa casa, bastante alterada e parcialmente encoberta pela vegetação, parece possuir elementos formais modernistas.
8	Rua João Pessoa nº 163	Casa térrea sem uma filiação específica, porém com elementos que remetem ao estilo Missões e ao decorativismo Déco.
9	Rua João Pessoa nº 172	Casa térrea bastante alterada, que parecer remeter ao Modernismo.
10	Rua João Pessoa nº 219	Casa térrea vernacular, com platibanda em estilo Art Déco. Mantém as esquadrias de madeira.
11	Rua João Pessoa nº 76	Casa térrea em estilo Eclético, cujas portas e janelas possuem bandeiras em arco pleno, com elementos florais. É delimitada por cunhais e cornija. Esquadrias assimétricas, com escudo ao centro da platibanda, com três pinhais, inscrição central e guirlandas. Tem vasos no topo dos cunhais e na cumeeira. Mantém esquadrias de madeira.
12	Rua João Pessoa nº 43	Casa térrea com características da arquitetura colonial tradicional, com cunhais, cimalha e cercaduras de madeira nas janelas. A platibanda deve ter sido colocada posteriormente e apresenta um elemento central eclético, enquanto a solução escalonada remete ao estilo Art Déco.
13	Rua dos Andrade nº 26	Casa térrea em esquina, com quina arredondada, esquadrias de basculantes de ferro e vidro, telhas de Marselha, elementos que remetem ao Art Déco. Sofreu alterações.
14	Rua da	Casa térrea com itens da arquitetura colonial tradicional, com esquadrias e

	Misericórdia nº 72	cercaduras de madeira. A platibanda escalonada remete ao estilo Art Déco.
15	Rua Plácido de Castro nº 276	Casa térrea, muito modificada, que sugere ter sido de filiação Modernista
16	Rua Plácido de Castro nº 269	Casa térrea em estilo Modernista, com platibanda geometrizarante, linhas retas e marquise da varanda sobre piloti.
17	Rua Plácido de Castro nº 28	Casa térrea com fachada simplificada e platibanda em estilo Art Déco.
18	Rua Zeferino Correia nº 101	Sobrado de dois pavimentos, em estilo Neocolonial, destacando-se a platibanda tributária do barroco mineiro e biforas com coluna torsa e vergas em arco pleno.
19	Praça Virgílio Ferraz nº 48	Casa térrea vernacular, que remete ao Modernismo, com linhas retas e platibanda geometrizarante.
20	Rua dos Fonseca nº 113	Casa térrea em estilo Modernista, com empena em evidência e varanda coberta por marquise.
21	Rua 10 de Novembro nº 328	Casa térrea em estilo Missões, com varanda em arco abatido e muro decorado com elementos vazados.

Fonte: A pesquisadora e o Ipac-BA

O audiovisual sobre o acervo de edificações que testemunham a história da expansão urbana de Vitória da Conquista foi apresentado, cumprindo uma das funções atribuídas ao inventário. Foram aplicados 49 questionários avaliativos acerca do I Seminário Jornalismo, Cidade e Patrimônio Cultural que foram respondidos com afirmativas sobre o interesse no assunto, sobre o desejo de que houvesse novos eventos do mesmo tipo e com declarações de que ficaram claros os objetivos da discussão que envolvia patrimônio cultural, cidade e o papel do jornalismo. A repercussão alcançada pelo Seminário foi considerada muito satisfatória. Houve veiculação pela TV Sudoeste, Mega Rádio, Jornal Correio, Home Page da Prefeitura de Vitória da Conquista e Home Page da UESB, nas redes sociais inclusive pelas páginas do facebook do CREA e do CAU. O Projeto, também, foi tema de artigo apresentado no Congresso da International Association for Media and Communication Research - IAMCR, acontecido entre 16 e 20 de Julho de 2017, em Cartagena da Índias, Colômbia. Este projeto de pesquisa e extensão pretende ser continuado, porque ainda existe um vasto acervo de edificações na região que merece ser documentado, inventariado e conservado.

Considerações finais

Com o lastro de referenciais bibliográficos no campo do jornalismo e do patrimônio cultural, porque o Projeto de Pesquisa já tratava desses campos, ficou clara a relação interdisciplinar que permeia o jornalismo e a memória, o jornalismo e o urbanismo, o jornalismo e o patrimônio cultural. A produção e a apresentação do vídeo, viabilizadas como projeto pela Pró-Reitoria de Extensão da Uesb, foram uma nova etapa de um trabalho que já

vinha se desenvolvendo há quatro anos, em que estudantes tiveram a oportunidade de exercerem o jornalismo com olhar crítico voltado para a cidade, para as suas transformações e necessidades de preservação do patrimônio cultural, entendendo que é atribuição do jornalismo agendar tais assuntos. Esse trabalho de pesquisa e extensão contribui para o acúmulo de dados e estudo de situações precedentes, ao tempo em que possibilita um retorno dirigido à sociedade. A experiência de apurar informações e outros registros sobre as edificações e suas histórias, desperta no estudante a pretensão de produzir novos conhecimentos e usá-los para contribuir com a comunidade. Aqui, a problematização se dá na medida em que se busca explicitar o comprometimento entre o jornalismo e as urbanidades, reconhecendo a importância do patrimônio e a necessidade de conservação das histórias, seja por meio das edificações, seja por meio das narrativas sobre elas.

A convergência entre o ensino, a pesquisa e a extensão de forma multidisciplinar obteve o resultado esperado, de discutir sobre as relações entre patrimônio, comunicação, território e jornalismo, despertando o interesse pela preservação da cultura local e propiciando ao estudante de jornalismo um aprofundamento em patrimônio e cultura a partir da articulação de saberes. Em retorno, o Projeto oferece uma reflexão que visa um maior conhecimento sobre a própria cidade e sobre a convivência nela. Com esta produção, estabelecemos um canal para troca de informações entre atores que podem influenciar ações de conservação do centro da cidade, mesmo em meio ao processo de acelerado crescimento e expansão urbana. Sabemos que o patrimônio cultural fica, em grande parte, à mercê de políticas públicas nem sempre coerentes com as avaliações técnicas. A única forma de conservá-lo é adotar a prática de não destruí-los e de mantê-los íntegros, inclusive contra a especulação imobiliária e às intempéries. Ao final, o papel deste trabalho desenvolvido pelo Projeto de Extensão aqui relatado é, realmente, de educação patrimonial.

CITY AND CULTURE: A FORMATIVE QUESTION

Abstract:

This paper reviews the project “Journalism, City and Cultural Patrimony” that aimed to include the community in the discussion that was being developed within the scope of the research project of the same name on the preservation of the cultural built heritage existing in the center of Vitória da Conquista. Specifically, the project that gives rise to the present report was based on the collections of buildings from the turn of the 19th century to the 20th century, of houses with modernist inspiration and other styles from the middle of the last century and typical dwellings of the region, relating in total 21 buildings. Developed between 2016 and 2017, with the support from Pró-Reitoria de Extensão, it had the partnership of the Institute of Cultural and Artistic Patrimony of Bahia - Ipac-BA. The purpose was to collect testimonies from residents and to produce material to compose an audiovisual

punctuating the origin of the buildings and their stories from the memory of those who experienced them. These narratives would also serve to highlight the transformations that have been taking place in the city. Firstly, a list of relevant buildings was made culturally and according to the value they have for the local architecture. This production was the motivator of a seminar to present the work developed, providing a debate with the participation of the producers of the works, researchers, residents, representatives of institutions, municipal managers and others interested on the issue. The Research Group Journalism, City and Cultural Heritage has deepened in the understanding of journalism that has the city as its main object.

Keywords: Center. City. Cultural Patrimony. Inventory. Memory.

REFERÊNCIAS

BLOCH, Marc. *Apologia da História ou o Ofício do Historiador*. Jorge Zahar Editor: Rio de Janeiro, 2002.

GALTUNG, Johan and RUGE, Mari. *The structure of foreign news: the presentation of the Congo, Cuba and Cyprus crises in four Norwegian newspapers*, In: *Journal of International Peace Research* 1, 1965.

HABERMAS, Jürgen. *Mudança estrutural da ESFERA PÚBLICA*. Trad.: Flavio R. Kothe. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1984.

HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. Trad.: de Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Edições Vértice, 1990.

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. *Educação Patrimonial: inventários participativos*. Texto: Sônia Florêncio et al. Brasília-DF: Iphan, 2016. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/inventariodopatrimonio_15x21web.pdf Acesso em: 21/4/2018.

LEFEBVRE, Henri. *O direito à cidade*. São Paulo: Ed. Moraes, 1991.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Trad.: Bernardo Leitão (et al.). Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

MCCOMBS, Maxwell. *A Teoria da Agenda, A mídia e a opinião pública*. Trad.: Jacques Wainberg. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

McQUAIL, Denis. *Teoria da Comunicação de Massas*. Trad.: Carlos de Jesus. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

ROLNIK, Raquel. *O que é cidade?* São Paulo: Brasiliense, 2004.

TUCHMAN, Gaye. *La producción de la noticia: estudio sobre la construcción de la realidad*. Barcelona: Editora Gustavo Gili, 1983.

WEINSTEIN, Mary. Centro da cidade: questões de demolições e construções. *Bahia com história*. Revista Eletrônica da Biblioteca Virtual Consuelo Pondé. Nº4, Agosto de 2016. Disponível em: <http://bahiacomhistoria.ba.gov.br/?artigos=803> Acesso em: 26/4/2018.

WOLF, Mauro. *Teorias da Comunicação*. Tradução por: Maria Jorge Vilar de Figueiredo. Tradução de TeoriedelleComunicazionidi Massa. Lisboa: Editorial Presença, 1987.